

CONTRIBUIÇÃO AO CONHECIMENTO DA AVIFAUNA DO MUNICÍPIO DE TAQUARA, RIO GRANDE DO SUL

CONTRIBUTION TO THE KNOWLEDGE OF THE
AVIFAUNA OF THE MUNICIPALITY OF TAQUARA,
RIO GRANDE DO SUL

Marcelo Pereira de Barros *marcelopb@feevale.br*

Doutor em Qualidade Ambiental pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).
Coordenador do curso de Ciências Biológicas da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).

Ana Paula Lima da Silveira *anapaulalimadasilveira@hotmail.com*

Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).

Bruna Reis Ferreira *brunareisferreira@outlook.com*

Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).

RESUMO

As aves destacam-se dentro dos vertebrados por serem um grupo diverso e adaptado a diferentes ambientes, a composição da comunidade de aves de um determinado local é um importante bioindicador ambiental, pois ela reflete alterações recentes ou pretéritas de determinada área. Na Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos, as pressões sobre os remanescentes de ecossistemas naturais são intensas em decorrência da urbanização crescente, do estabelecimento de indústrias e da ampliação das fronteiras agrícolas, esses fatores associados geram a redução e fragmentação de habitats, com impactos irrecuperáveis para a flora e a fauna. Devido à escassez de dados sobre a avifauna do município de Taquara, o presente estudo teve como objetivo levantar informações sobre o grupo, listando as espécies de aves locais. Entre agosto de 2016 e junho de 2017 foram realizadas quatro amostragens mensais em duas áreas rurais do município, totalizando 44 campanhas de observação e 132 horas de esforço amostral. As espécies foram identificadas e classificadas conforme sua frequência de ocorrência mensal, em espécies comuns e raras. Foram registradas 133 espécies distribuídas em 47 famílias, o que representa mais de 20% das espécies ocorrentes para o estado. Ao longo do período amostrado, 90 espécies foram classificadas como comuns e 47 consideradas raras para as áreas pesquisadas.

Palavras-chave: Aves. Bacia hidrográfica do Rio dos Sinos. Preservação.

ABSTRACT

Birds stand out within vertebrates because they are a diverse group adapted to different environments. The composition of the bird community of a certain place is an important environmental bioindicator since it reflects recent or previous environmental disturbances of a certain area. In the Sinos River Basin, environmental pressures on the remnants of natural ecosystems are intense as a result of increasing urbanization, the establishment of industries and expansion of agricultural frontiers which generate habitat reduction and fragmentation with irrecoverable damages on flora and fauna. Due to the scarcity of data on the avifauna of the municipality of Taquara, the present study aimed to gather information and list the species of local birds. Between August 2016 and June 2017, four monthly samplings were carried out in two rural areas of the municipality, totaling 44 observation campaigns and 132 hours of sample effort. The species were identified and classified as common and rare according to their frequency of occurrence. There were 133 species distributed in 47 families, representing more than 20% of the species that occurred in the state. During the sampled period, 90 species were classified as common and 47 were considered rare for the areas surveyed.

Keywords: Birds. Hydrographic basin of Sinos River. Preservation.

1 INTRODUÇÃO

A diversidade de aves em um habitat é um indicativo do estado de conservação do mesmo. Algumas espécies são bastante exigentes e necessitam de uma maior quantidade de recursos para a alimentação, nidificação, abrigo e proteção. Assim, o conhecimento da ornitofauna nos dá subsídios para sugerir medidas de preservação ou conservação de um ambiente (SICK, 1997).

As aves destacam-se dos demais grupos de animais por serem bem conhecidas e despertar ampla simpatia junto ao público. Neste sentido, colaboram para a sedimentação das listas de espécies ameaçadas, pois elas também são autênticas “indicadoras de conservação”, estabelecidas ao longo dos tempos por inúmeros aspectos (SILVEIRA et al., 2008).

A perda e a fragmentação de habitats naturais configuram as principais ameaças para as aves no Brasil, seguidas pela captura excessiva. Outras ameaças incluem a invasão de espécies exóticas, a poluição, a perturbação antrópica, a morte acidental, alterações na dinâmica das espécies nativas, desastres naturais e perseguição. A resposta das aves às ações humanas varia desde aquelas que se beneficiaram com as alterações do habitat e aumentaram suas populações, até aquelas que foram extintas da natureza (MARINI; GARCIA, 2005).

Quando os primeiros colonizadores chegaram ao Brasil, em 1500, a Mata Atlântica cobria aproximadamente 15% do território nacional. Considerada Patrimônio Nacional, ela abrange total ou parcialmente 18 estados brasileiros. No Nordeste, abrange os encaves florestais e brejos interioranos, no centro-oeste parte dos territórios de Goiás e Mato Grosso do Sul e no Sul estende-se pelo interior, alcançando inclusive parte dos territórios da Argentina e Paraguai (FILHO et al., 2000). O impacto da ocupação humana e o ritmo de destruição desse bioma acentuaram-se nas últimas três décadas, resultando em severas alterações desses ecossistemas, causadas pela alta fragmentação dos habitats e pela perda de biodiversidade. O resultado atual é a perda quase total das florestas originais intactas e a contínua devastação dos remanescentes florestais existentes, que coloca a Mata Atlântica na triste posição de ser um dos conjuntos de ecossistemas mais ameaçados de extinção no mundo (MMA, 2007).

Na região do COREDE (Conselho Regional de Desenvolvimento) do Vale do Rio dos Sinos, composta por 14 municípios e cerca de 1.316.823 habitantes, as pressões sobre os remanescentes de ecossistemas nativos são intensas, em decorrência, fundamentalmente, da urbanização crescente, do estabelecimento de indústrias e da ampliação das fronteiras agrícolas. Atualmente, poucas localidades da região metropolitana ainda preservam amostras representativas de suas formações fitofisionômicas originais. Os municípios mais ao norte da capital gaúcha são os que, provavelmente, ainda apresentam áreas contínuas preservadas, principalmente aqueles circundados por morros localizados no final da escarpa meridional, como o município de Taquara (DATASINOS, 2006).

Conforme Marini e Garcia (2005), 10% das espécies de aves do Brasil são endêmicas e, além disso, o país é considerado como um dos mais biodiversos do mundo, com aproximadamente 1.919 espécies (PIACENTINI et al., 2015). Essa riqueza está associada aos diferentes ambientes que podem ser encontrados no território brasileiro, que vão desde grandes florestas, como a Amazônia e a Mata Atlântica, até o Cerrado, a Caatinga e os Campos Sulinos (MARINI; GARCIA, 2005).

No Rio Grande do Sul, foram registradas 661 espécies de aves que somam mais de um terço de todas as espécies conhecidas do Brasil (BENCKE et al., 2010). As espécies do estado representam 36,1% das aves listadas para o país. O número de espécies de aves conhecidas no Rio Grande do Sul vem aumentando ao longo das últimas décadas, refletindo o incremento no número de ornitólogos que atuam no estado e a consequente intensificação dos inventários de campo (BENCKE et al., 2010). Devido à escassez de dados sobre a avifauna do município de Taquara, o presente trabalho teve como objetivo inventariar as espécies de aves locais.

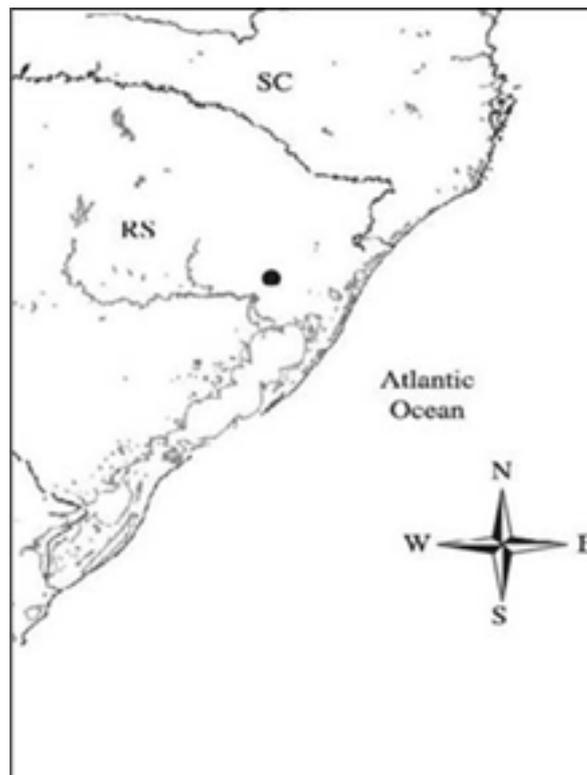
2 MÉTODOS

O município de Taquara (29°39'01"S/50°46'52"W) (Fig. 1) situa-se no nordeste do estado do Rio Grande do Sul, na mesorregião metropolitana de Porto Alegre, a aproximadamente 72 km da capital. Está situado na região fisionômica da Encosta Inferior do Nordeste, abrangida pelos arenitos da formação Botucatu. Sua altitude máxima é de 600 m e apresenta relevo ondulado (RIO GRANDE DO SUL, 1994). Nesta região, segundo Köppen, predomina o clima tipo CFA, subtropical úmido, com precipitações durante o ano todo, variando de 1400 a 2000 mm/ano (RIO GRANDE DO SUL, 1994).

A região está inserida na formação de Floresta Estacional Semidecidual, sendo as principais espécies a figueira-branca (*Ficus insipida*), o rabo-de-mico (*Lonchocarpus muehlbergianus*), o angico-vermelho (*Paraptadenia rigida*), o aguáí (*Crysophyllum gonocarpum*), o canelão (*Ocotea cf. acutifolia*), o sobrasil (*Colubrina glandulosa*), a canela-preta (*Nectandra megapotamica*), a cangerana (*Cabralea canjerana*), o cedro (*Cedrela fissilis*) e o palmitreiro (*Euterpe edulis*) (LEITE, 2002).

O município de Taquara é banhado por cinco rios (dos Sinos, Padilha, da Ilha, Paranhana e Rolante) e por mais 25 arroios que pertencem à bacia hidrográfica do Rio dos Sinos, na Região Hidrográfica Atlântico Sul (DATASINOS, 2006).

Figura 1: Localização do Município de Taquara, RS, Brasil



Fonte: Franz et al., (2010)

Duas áreas de amostragens, localizadas na zona rural do município de Taquara, foram utilizadas no presente estudo. A área A, que compreende aproximadamente 200 ha, incluindo locais abertos e fragmentos florestais isolados, está situada nas coordenadas 29°42'36,40"S/ 50°48'18,20W. Os ambientes abertos estão divididos entre campos manejados e áreas úmidas, ocupando cerca de 80% da área total, com vegetação rasteira em toda a sua extensão, esses ambientes são utilizados para a criação de bubalinos. O fragmento florestal isolado, com formação vegetal secundária apresenta aproximadamente 25 ha. A vegetação da região é considerada como pertencente ao Bioma Mata Atlântica, e a área apresenta diversas espécies nativas, como, por exemplo, capororoca (*Myrsine umbellata*), cocão (*Erythroxylum deciduum*), açoita-cavalo (*Luehea divaricata*), camboim (*Myrciaria tenella*), araçá (*Psidium cattleianum*) e também algumas espécies exóticas como o eucalipto.

A área B apresenta duas formações vegetais diferenciadas, uma área aberta e um fragmento de floresta. Esses locais somados apresentam aproximadamente 35,6 ha, sendo que o ponto central está sob as coordenadas 29° 42' 31.92"S e 50° 46' 49.78"W. A vegetação encontrada no fragmento florestal é em grande parte nativa, ocorrendo o açoita-cavalo (*Luehea divaricata*), pitanga (*Eugenia uniflora*), cambolim (*Myrciaria tenella*) e araçá (*Psidium cattleyanum*). Foram observadas também espécies exóticas como eucalipto (*Eucalyptus grandis*), laranjeira (*Citrus sinensis*), amoreira (*Morus nigra*) e uva-do-japão (*Hovenia dulcis*), entre outras espécies que contribuem para a diversidade de avifauna encontrada no local.

Entre os meses de agosto de 2016 e junho de 2017, foram realizados dois censos mensais em cada área, que ocorreram nos turnos matutino e vespertino (cada campanha em um turno), podendo-se, assim, registrar espécies em horários diferentes. Com uma duração de 3 h/censo, totalizando 132 horas de observações.

Para o registro das espécies, foram realizadas caminhadas nas áreas de estudo, sendo as espécies detectadas por visualização ou audição. As observações foram realizadas de maneira direta, por meio do método de caminhamento (FILGUEIRAS et al., 1994), onde a área é percorrida aleatoriamente, ocorrendo contatos visuais e/ou sonoros com os animais (ZANZINI, 2000). Também foi utilizada a metodologia de pontos fixos, onde o pesquisador determinava um ponto, ao longo do trecho percorrido e permanecia parado por 10 minutos, registrando todas as espécies visualizadas ou ouvidas, esta metodologia foi adaptada de Develley (2006). Todos os espécimes observados foram registrados, para se obter a listagem total da avifauna.

Os equipamentos utilizados para as atividades em campo, como auxílio para as identificações, foram binóculo (Bushnell 7x35), um gravador de voz (Motorola G2 e Samsung J1), câmera digital (Nikon 3100; Sony 7.2 e Samsung J1), guias de identificações como os de Belton (1994), Narosky e Yzurieta (2003) e Gwynne (2010), além do auxílio de uma plataforma online para identificação de vocalização das espécies (WIKIAVES).

As espécies foram distribuídas conforme sua ocorrência nos censos em duas categorias: (C) comum (três a 11 meses de observação) e (R) rara (um a dois meses de observação). A classificação taxonômica utilizada segue o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO) e os nomes populares estão de acordo com Piacentini et al. (2015). A partir das planilhas de campo, foi elaborada uma lista das espécies locais, acompanhada da distribuição mensal de ocorrência das espécies nas áreas de estudo e a forma de registro.

3 RESULTADOS E ANÁLISES

Com um total de 11 meses de amostragens e 44 campanhas de observação da avifauna, foi possível registrar a ocorrência de 133 espécies pertencentes a 47 famílias, o que corresponde a 20,12% das espécies registradas para o estado. A família que apresentou a maior riqueza foi Tyrannidae com dezesseis espécies, seguida por Thraupidae com treze espécies. Na Tabela 1, são apresentadas as espécies observadas, com os seus respectivos meses de ocorrência ao longo do trabalho.

O gráfico (Figura 2) apresenta o número de espécies observadas mensalmente. Percebe-se um aumento gradativo do registro das espécies, iniciando em agosto e culminando em outubro (n=83). Esse aumento ocorre devido à aproximação do período de reprodução das aves, que inicia na primavera, quando elas ficam mais conspicuas. Durante este período, também ocorre a migração de algumas espécies, como por exemplo, *Tyrannus savana* (tesourinha), *Sturnella superciliaris* (polícia-inglesa-do-sul) e *Tachycineta leucorrhoa* (andorinha-de-sobre-branco), que chegam até a região para reproduzir. Após esse período, o número de registros diminui gradualmente, devido ao retorno de espécies migratórias para seu local de origem, permanecendo apenas as residentes. Em março foram registradas somente 59 espécies.

Entre as espécies mais frequentes, se destaca o pitiguari (*Cyclarhis gujanensis*) que foi registrado em todos os meses de observações. Em estudos realizados por Belton (1994), o mesmo afirma que seus hábitos estão associados à vegetação aberta ou bordas de floresta e o aumento da densidade da espécie deve estar associado a perturbações causadas pelo homem.

Tabela 1 - Lista de espécies observadas entre os meses de agosto de 2016 a junho de 2017, no município de Taquara, RS, com distribuição mensal ao longo das amostragens e ocorrência das espécies nos censos

Famílias-Espécies	Nomes populares	Anos / Meses de ocorrência										OC		
		2016					2017							
		A	S	O	N	D	J	F	M	A	M		J	
Tinamidae														
<i>Crypturellus obsoletus</i>	inhambuquaçu		X	X	X					X				C
<i>Rhynchotus rufescens</i>	perdiz							X						R
Anhimidae														
<i>Chauna torquata</i>	tachã							X						R
Anatidae														
<i>Amazonetta brasiliensis</i>	pé-vermelho	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	C
Cracidae														
<i>Ortalis squamata</i>	aracuã-escamoso		X	X				X	X					C

Famílias-Espécies	Nomes populares	Anos / Meses de ocorrência										OC	
		2016					2017						
		A	S	O	N	D	J	F	M	A	M		J
Ciconiidae													
<i>Ciconia maguari</i>	maguari			X					X				R
<i>Mycteria americana</i>	cabeça-seca					X	X						R
Ardeidae													
<i>Tigrisoma lineatum</i>	socó-boi								X		X		R
<i>Butorides striata</i>	socozinho					X			X				R
<i>Bubulcus ibis</i>	garça-vaqueira	X		X	X	X	X	X	X	X	X		C
<i>Ardea cocoi</i>	garça-moura	X						X	X	X	X	X	C
<i>Ardea alba</i>	garça-branca				X	X	X		X		X	X	C
<i>Syrigma sibilatrix</i>	maria-faceira		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C
<i>Egretta thula</i>	garça-branca-pequena					X	X						R
Threskiornithidae													
<i>Plegadis chihi</i>	caraúna-de-cara-branca					X	X						R
<i>Phimosus infuscatus</i>	tapicuru-da-cara-pelada	X	X	X	X	X	X		X	X	X		C
<i>Theristicus caudatus</i>	curicaca	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C
Cathartidae													
<i>Cathartes aura</i>	urubu-cabeça-vermelha		X				X						R
<i>Coragyps atratus</i>	urubu-de-cabeça-preta	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		C
Accipitridae													
<i>Elanus leucurus</i>	gavião-peneira							X					R
<i>Geranospiza caerulescens</i>	gavião-pernilongo									X			R
<i>Heterospizias meridionalis</i>	gavião-caboclo	X											R
<i>Rupornis magnirostris</i>	gavião-carijó	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		C
<i>Buteo brachyurus</i>	gavião-de-cauda-curta			X									R
Aramidae													
<i>Aramus guaraúna</i>	carão	X		X	X	X							C
Rallidae													
<i>Aramides saracura</i>	saracura-do-mato	X	X		X	X				X	X	X	C
Charadriidae													
<i>Vanellus chilensis</i>	quero-quero	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C
Scolopacidae													
<i>Gallinago paraguaiensis</i>	narceja	X	X		X	X	X			X	X	X	C
Jacaniidae													
<i>Jacana jacana</i>	jaçanã	X		X		X	X		X	X	X		C
Columbidae													
<i>Columbina talpacoti</i>	rolinha-roxa			X	X	X				X	X		C

Famílias-Espécies	Nomes populares	Anos / Meses de ocorrência										OC			
		2016					2017								
		A	S	O	N	D	J	F	M	A	M		J		
<i>Columbina picui</i>	rolinha-picuí	X		X	X	X	X		X	X					C
<i>Patagioenas cayennensis</i>	pomba-galega									X					R
<i>Zenaida auriculata</i>	pomba-de-bando	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		C
<i>Leptotila verreauxi</i>	juriti-pupu	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			C
Cuculidae															
<i>Piaya cayana</i>	alma-de-gato			X				X			X				C
<i>Crotophaga ani</i>	anu-preto	X	X	X		X	X	X	X	X					C
<i>Guira guira</i>	anu-branco	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		C
<i>Tapera naevia</i>	saci		X	X						X					C
Caprimulgidae															
<i>Hydropsalis albicollis</i>	bacurau					X				X					R
Apodidae															
<i>Streptoprocne zonaris</i>	taperuçu-de-coleira-branca												X		R
Trochilidae															
<i>Anthracothorax nigricollis</i>	beija-flor-de-veste-preta							X							R
<i>Stephanoxis lalandi</i>	beija-flor-de-topete	X	X	X	X	X	X				X				C
<i>Thalurania glaucopis</i>	beija-flor-de-fronte-violeta							X							R
<i>Hylocharis chrysura</i>	beija-flor-dourado		X			X									R
Trogonidae															
<i>Trogon surrucura</i>	surucuá-variado	X			X		X				X				C
Alcedinidae															
<i>Megasceryle torquata</i>	martim-pescador-grande						X			X	X	X			C
<i>Chloroceryle americana</i>	martim-pescador-pequeno									X		X			R
Picidae															
<i>Picumnus temminckii</i>	pica-pau-anão-de-coleira												X		R
<i>Melanerpes candidus</i>	pica-pau-branco	X	X	X											C
<i>Veniliornis spilogaster</i>	picapauzinho-verde-carijó			X				X							R
<i>Piculus aurulentus</i>	pica-pau-dourado						X			X		X			C
<i>Colaptes melanochloros</i>	pica-pau-verde-barrado		X	X			X		X	X	X	X	X		C
<i>Colaptes campestris</i>	pica-pau-do-campo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		C
<i>Celeus flavescens</i>	pica-pau-de-cabeça-amarela							X							R
Cariamidae															
<i>Cariama cristata</i>	seriema		X					X	X			X			C
Falconidae															

Famílias-Espécies	Nomes populares	Anos / Meses de ocorrência											OC	
		2016					2017							
		A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J		
<i>Caracara plancus</i>	carcarã		X	X		X					X	X		C
<i>Milvago chimachima</i>	carrapateiro		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C
<i>Milvago chimango</i>	chimango									X			R	
<i>Falco sparverius</i>	quiriquiri	X	X	X	X		X	X	X	X		X	C	
Psittacidae														
<i>Myiopsitta monachus</i>	caturruta	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C	
Thamnophilidae														
<i>Thamnophilus ruficapillus</i>	choca-de-chapéu-vermelho		X	X	X							X	C	
<i>Thamnophilus caerulescens</i>	choca-da-mata	X	X	X	X	X	X			X	X	X	C	
Formicariidae														
<i>Chamaeza campanisona</i>	tovaca-campainha	X	X	X	X	X	X				X	X	C	
Scleruridae														
<i>Sclerurus scansor</i>	vira-folha	X		X		X							C	
Dendrocolaptidae														
<i>Xiphorhynchus fuscus</i>	arapaçu-rajado											X	R	
<i>Lepidocolaptes falcinellus</i>	arapaçu-escamoso-do-sul	X	X	X									C	
<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>	arapaçu-grande	X	X				X			X			C	
Furnariidae														
<i>Furnarius rufus</i>	joão-de-barro	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C	
<i>Syndactyla rufosuperciliata</i>	trepador-quiete								X			X	R	
<i>Anumbius annumbi</i>	cochicho	X											R	
<i>Synallaxis cinerascens</i>	pi-puí	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C	
Pipridae														
<i>Chiroxiphia caudata</i>	tangará-dançador	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C	
Cotingidae														
<i>Carpornis cucullata</i>	corocoxó	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C	
Platyrinchidae														
<i>Platyrinchus mystaceus</i>	patinho				X	X				X	X		C	
Rhynchocyclidae														
<i>Mionectes rufiventris</i>	abre-asa-de-cabeça-cinza											X	R	
<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	cabeçudo								X				R	
<i>Phylloscartes ventralis</i>	borboletinha-do-mato		X	X				X				X	C	
<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	bico-chato-de-orelha-preta	X	X	X	X			X			X	X	C	
<i>Poecilatriccus plumbeiceps</i>	tororó	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	C	
Tyrannidae														

Famílias-Espécies	Nomes populares	Anos / Meses de ocorrência										OC		
		2016					2017							
		A	S	O	N	D	J	F	M	A	M		J	
<i>Hirundinea ferrugínea</i>	gibão-de-couro	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	C
<i>Camptostoma obsoletum</i>	risadinha	X	X	X	X	X	X	X						C
<i>Elaenia mesoleuca</i>	tuque			X					X	X				C
<i>Serpophaga subcristata</i>	alegrinho						X	X				X		C
<i>Myiarchus swainsoni</i>	irré	X			X	X				X	X			C
<i>Pitangus sulphuratus</i>	bem-te-vi	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C
<i>Machetornis rixosa</i>	suiriri-cavalheiro	X	X	X	X		X		X	X	X	X	X	C
<i>Myiodynastes maculatus</i>	bem-te-vi-rajado			X	X	X	X				X			C
<i>Megarynchus pitangua</i>	neinei		X	X			X		X		X			C
<i>Tyrannus melancholicus</i>	suiriri		X	X	X	X	X	X						C
<i>Tyrannus savanna</i>	tesourinha		X	X	X	X	X	X						C
<i>Myiophobus fasciatus</i>	filipe		X											R
<i>Pyrocephalus rubinus</i>	príncipe										X			R
<i>Lathrotriccus euleri</i>	enferrujado			X	X									R
<i>Satrapa icterophrys</i>	suiriri-pequeno			X	X	X	X							C
<i>Xolmis irupero</i>	noivinha	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C
Vireonidae														
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	pitiguari	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C
<i>Vireo chivi</i>	juruviara			X										R
Hirundinidae														
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	andorinha-pequena-de-casa	X	X	X	X	X	X	X						C
<i>Progne chalybea</i>	andorinha-grande			X	X	X	X	X						C
<i>Tachycineta leucorrhoa</i>	andorinha-de-sobre-branco		X	X	X									C
Troglodytidae														
<i>Troglodytes musculus</i>	corruíra	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C
Turdidae														
<i>Turdus leucomelas</i>	sabiá-branco		X		X									R
<i>Turdus rufiventris</i>	sabiá-laranjeira	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C
<i>Turdus amaurochalinus</i>	sabiá-poca	X	X	X	X	X		X	X	X	X			C
<i>Turdus subalaris</i>	sabiá-ferreiro			X										R
<i>Turdus albicollis</i>	sabiá-coleira	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C
Mimidae														
<i>Mimus saturninus</i>	sabiá-do-campo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C
Passerellidae														
<i>Zonotrichia capensis</i>	tico-tico	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C

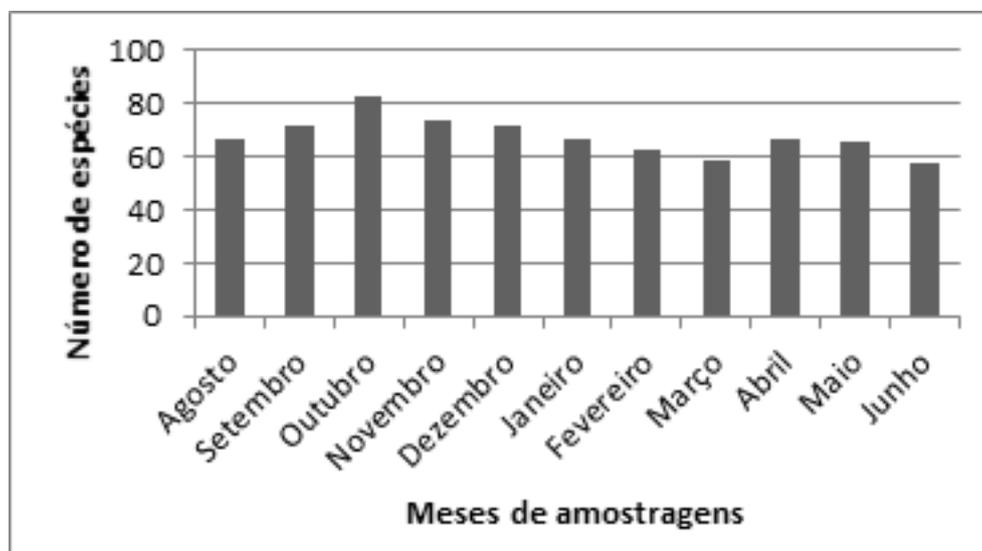
Famílias-Espécies	Nomes populares	Anos / Meses de ocorrência										OC	
		2016					2017						
		A	S	O	N	D	J	F	M	A	M		J
Parulidae													
<i>Setophaga pitayumi</i>	mariquita	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	C
<i>Geothlypis aeguinocialis</i>	pia-cobra			X	X	X							C
<i>Basileuterus culicivorus</i>	pula-pula	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C
<i>Myiothlypis leucoblephara</i>	pula-pula-assobiador	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C
Icteridae													
<i>Pseudoleistes guirahuro</i>	chopim-do-brejo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C
<i>Agelaioides badius</i>	asa-de-telha	X		X	X	X	X	X		X	X		C
<i>Molothrus bonariensis</i>	chupim	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		C
<i>Sturnella superciliaris</i>	polícia-inglesa-do-sul			X	X	X	X	X					C
Thraupidae													
<i>Pipraeidea melanonota</i>	saíra-viúva	X											R
<i>Pipraeidea bonariensis</i>	sanhaçu-papa-laranja		X										R
<i>Paroaria coronata</i>	cardeal				X	X		X	X	X	X		C
<i>Tangara sayaca</i>	sanhaçu-cinzento	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C
<i>Tangara preciosa</i>	saíra-preciosa	X									X		R
<i>Sicalis flaveola</i>	canário-da-terra-verdadeiro	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C
<i>Lanio melanops</i>	tiê-de-topete	X			X	X							C
<i>Tersina viridis</i>	saí-andorinha			X									R
<i>Coereba flaveola</i>	cambacica	X	X	X	X	X			X	X	X		C
<i>Sporophila caerulescens</i>	coleirinho	X			X								R
<i>Embernagra platensis</i>	sabiã-do-banhado										X		R
<i>Saltator similis</i>	trinca-ferro-verdadeiro	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		C
<i>Saltator maxillosus</i>	bico-grosso		X								X		R
Cardinalidae													
<i>Habia rubica</i>	tiê-do-mato-grosso	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	C
Fringilidae													
<i>Euphonia chlorotica</i>	fim-fim	X	X	X	X			X	X	X	X	X	C
<i>Euphonia cyanocephala</i>	gaturamo-rei										X		R
Passeridae													
<i>Passer domesticus</i>	pardal	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		C

* OC = ocorrência, R= rara e C= comum. A classificação taxonômica utilizada segue o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO) e os nomes populares estão de acordo com Piacentini et al., (2015).

Fonte: elabora pelos autores

Destaca-se, também, o registro da espécie *Carpornis cucullata* (corocochô), endêmica da Mata Atlântica (SICK, 1997), indicador de áreas relativamente preservadas, uma vez que seus hábitos mais seletivos demandam ambientes florestais mais diversificados e pouco alterados. Espécies regulares como trinca-ferro (*Saltator similis*), pula-pula (*Basileuterus culicivorus*) e tangará (*Chiroxiphia caudata*) são comuns na região.

Figura 2 - Número de espécies registradas mensalmente entre agosto de 2016 e junho de 2017 no município de Taquara, RS



Fonte: elabora pelos autores

Nas áreas de banhados, observam-se espécies como a *Jacana jacana* (jaçanã), *Gallinago paraguaiæ* (narceja), *Aramus guarauna* (carão), *Phimosus infuscatus* (tapicuru-da-cara-pelada) e *Amazonetta brasiliensis* (marreca-pé-vermelho). As áreas úmidas são globalmente reconhecidas como áreas prioritárias para a conservação da biodiversidade e estão entre os ecossistemas mais ameaçados (AMEZAGA et al., 2002; SAUDERS et al., 2002; SCHERER et al., 2006).

Dentre as 133 espécies de aves registradas para a área de estudo, 90 espécies são consideradas comuns para o município, pois foram observadas de três a 11 meses de amostragens do presente estudo, e 43 espécies consideradas como raras, sendo observadas somente em um ou dois meses de amostragem.

Em estudo realizado em 2007 por Santos e Cademartori no município de Araricá, com dois meses de amostragens e 100h de esforço amostral, foram contabilizadas 103 espécies de aves para a região. Contudo, Petry e Scherer, em 2008, realizaram um levantamento da avifauna no município de São Leopoldo, com duração de um ano de amostragens e obtiveram o número de 65 espécies de aves, distribuídas em 31 famílias. Fontanella et al., (2009) realizaram um diagnóstico da bacia hidrográfica do Rio da Ilha no município de Taquara, no qual registraram 102 espécies de aves em 20h de esforço amostral, número de espécies muito próximo do alcançado no presente estudo. Ao final de 11 meses de amostragens, o número de espécies para o município de Taquara foi de 133 espécies, distribuídas em 47 famílias, esse número mostra a importância da conservação local e de inventários sobre a fauna da região. O número de espécies para o município soma mais de 20% das espécies totais para o estado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos está entre as mais populosas e impactadas do estado e apresenta um histórico marcado pela colonização europeia, ocorrida a partir do século XIX. A ocupação das baixadas e encostas ocasionou a descaracterização da maior parte das áreas naturais. Florestas foram substituídas por áreas rurais e, mais tarde, adensamentos urbanos. Essas modificações nos ambientes naturais ocasionaram um empobrecimento da fauna local, e o Município de Taquara é um bom exemplo disso. O número de espécies de aves registradas no presente estudo pode ser considerado baixo (133), mas representa o maior valor absoluto de espécies, até o momento, quando comparado com os municípios vizinhos. Listas faunísticas regionais são o primeiro passo para o conhecimento da riqueza biológica de uma área e, quando informações de listas municipais se complementam, podem fornecer dados importantes para a tomada de decisões sobre ações de conservação dentro de uma bacia hidrográfica.

REFERÊNCIAS

- AMEZAGA, J. M. *et al.* Biotica wetland connectivity supporting a new approach for wetland policy. **Acta Oceanologica–International Journal of Ecology**, v. 23, p. 213-222, 2002.
- BECKER, R. G. Primeiro registro de *Sporophila leucoptera* (Emberizidae) no Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, n. 17, v. 3-4, p. 213-216, 2000.
- BELTON, W. **Aves do Rio Grande do Sul**: distribuição e biologia. São Leopoldo: Unisinos. 1994.
- BENCKE, G. A. *et al.* Revisão e atualização da lista das aves do Rio Grande do Sul, Brasil. **Iheringia**, Série Zoologia, v. 100, n. 4, p. 519-556, 2010.
- DATASINOS. **Sistema de Informação e Análise Sócio-Econômico-Ambiental para o COREDE do Vale do Rio dos Sinos**. 2006. Disponível em: <http://www.datasinos.unisinos.br>. Acesso em: 07 set. 2016.
- DEVELEY, P. F. Métodos para estudos com aves. In: CULLEN Jr., L.; Rudran, R.; VALLADARES-PÁDUA, C. (Org.). **Métodos de estudos em biologia da conservação e manejo da vida silvestre**. 2. ed. p. 652. Ed. Universidade Federal do Paraná: Curitiba. 2006.
- FILGUEIRAS, T. S. *et al.* Caminhamento - um método expedito para levantamentos florísticos qualitativos. **Cadernos de Geociências**, v. 12, p. 39-43, 1994.
- FILHO, A. T.; FONTES, M. A. L. Patterns of floristic differentiation among Atlantic forests in southeastern Brazil and the influence climate. **Biotropica**, Washington, D. C., v. 32, n. 4b, p. 793-810, 2000.
- FRANZ, I. *et al.* **Caracterização e conservação da avifauna de duas unidades de conservação em floresta ombrófila mista no Rio Grande do Sul, Brasil**. Monografia (Artigo de conclusão do curso de Ciências Biológicas) - Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2010.
- FONTANELLA, A. C. *et al.* Diagnóstico Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio da Ilha, Taquara, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, n. 7, p. 23-41, 2009.
- GWYNNE, J. A. *et al.* **Aves do Brasil, Pantanal e Cerrado**. São Paulo: Editora Horizonte, 322p. 2000.
- LEITE, P. F. Contribuição ao conhecimento fitoecológico do sul do Brasil. **Ciência e Ambiente**, v. 24, p. 51-75, 2002.

MARINI, M. A.; GARCIA, F. I. Conservação de Aves no Brasil. In: Megadiversidade: desafios e oportunidades para a conservação da biodiversidade no Brasil. **Conservação Internacional Brasil**, v. 1, n. 1, p. 95-102, 2005.

MMA. Áreas Prioritárias para Conservação, Uso Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade Brasileira: Atualização - Portaria MMA nº9, de 23 de janeiro de 2007. **Ministério do Meio Ambiente**, Secretaria de Biodiversidade e Florestas. – Brasília: MMA, p. : il. color; 29 cm. (Série Biodiversidade, 31). 2007

NAROSKY, T.; YZURIETA, D. **Guía para la identificación de las aves de Argentina y Uruguay**. 5. ed. Buenos Aires, Argentina: Vazquez Mazzini, 346 p. 2003

PETRY, M. V.; SCHERER, J. F. M. Distribuição da avifauna em um gradiente no Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. **Biodiversidade Pampeana**, v. 6, n. 2, p. 19-29, 2008.

PIACENTINI, V. Q. et al. **Listas das aves do Brasil**. v. 23. 2015. Disponível em: <<http://www.cbpo.org.br>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

RIO GRANDE DO SUL. Macrozoneamento Agroecológico e Econômico do estado do Rio Grande do Sul. **Secretaria da Agricultura e Abastecimento**. Porto Alegre, 1994.

SANTOS, M. F. B.; CADEMARTORI, C. V. Contribuição ao conhecimento da avifauna do município de Araricá, Rio Grande do Sul. **Biotemas**, v. 20, n. 2, p. 41-48, 2007.

SAUNDERS, D. L. et al. Freshwater protected areas: strategies for conservation. **Conservation Biology**, v. 16, p. 30-41, 2002.

SCHERER, J. F. M. et al. Estudo da avifauna associada à área úmida situada no Parque Mascarenhas de Moraes, zona urbana de Porto Alegre (RS). **Biotemas**, v. 19, n. 1, p. 107-110, 2006.

SICK, H. **Ornitologia Brasileira**. Edição revisada e ampliada por José Fernando Pacheco, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, p. 862, 1997.

SILVEIRA, L. F.; STRAUBE, F., C. Aves. 378-679. In: Machado, A. B.M; Drummond, G. M.; Paglia, A. P. **Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção**. Volume II – Biodiversidade, 19 Brasília, DF, 2008.

ZANZINI, A. C. S. **Fauna Silvestre**. Lavras. UFLA/FAEPE. 80 p. 2000.